

FILOSOFIA E POESIA: A LINGUAGEM COMO PONTE E NÃO COMO PONTO

Geraldo Fernandes Fonte Boa¹

“... amor é sede depois de se ter bem bebido”

Guimarães Rosa

RESUMO

A Filosofia, desde os gregos, se envolveu na árdua busca da verdade. E para comunicar esta verdade utiliza-se do rigor do discurso, de modo a talhar seus argumentos e suas proposições, sem deixar margem de dúvida. Por outro lado, os poetas – desde a antiguidade grega – buscaram, com o mesmo empenho, expressarem suas visões de mundo, de modo diferente da filosofia, de forma lírica, e assim, dizerem a verdade a partir de seus sentimentos. Os Filósofos, iniciando-se por Platão, para posicionar seu discurso argumentativo como expressão do conhecimento e da verdade, combateram veementemente o discurso poético, e assim, também, a poesia e os próprios poetas. Neste artigo, buscaremos compreender as tentativas de diálogos existentes entre a Filosofia e a Poesia. Para isso contextualizaremos o início da “velha divergência”, passaremos pela filosofia medieval, moderna e encerraremos com o Filósofo-poeta contemporâneo Friedrich Nietzsche. E, finalmente, nos permitiremos uma aproximação filosófica com a poesia de Manoel de Barros, buscando sempre compreender os diálogos possíveis entre o conhecimento filosófico e o discurso poético.

Palavras-chave: Conhecimento. História da Filosofia. Linguagem. Poesia.

1 INTRODUÇÃO

Que mecanismos utilizamos para comunicar nossos conhecimentos, ou o que conhecemos? Que recursos possuímos para dizer o que é verdadeiro e o que é falso? Numa palavra: a linguagem. Pela linguagem tudo o que fazemos ou descobrimos, e até mesmo aquilo que manipulamos, é comunicado. A linguagem, no entanto, se expressa através de suas partículas mínimas, sendo a mais utilizada, a palavra. O homem, ao elaborar seus discursos, quer para comunicar resultados científicos, emoções, crenças e até mesmo para enganar, utiliza-se do ordenamento das palavras, criteriosamente escolhidas, e, então, elaborar uma linguagem própria, ou específica. Assim, segundo os estudiosos da linguagem como Heidegger (1889-1976), Wittgenstein (1889-1951), Octávio Paz (1914-1998) – dentre outros – cada um a seu modo, utiliza a linguagem para comunicar sua leitura de mundo, ou para atingir seus objetivos.

Há um ambiente comum, no campo da Filosofia, em afirmar que Platão(427-347a.C.) expulsou os poetas, e sua poesia, de sua República. Se isso de fato ocorreu, a primeira pergunta que nos vem é: quais seriam as causas da oposição entre Platão e os poetas gregos? Por que Platão não aceitava os poetas e a poesia? Se existe uma oposição original entre Filosofia e Poesia, porque, então, alguns filósofos continuaram, ao longo da história da Filosofia, a utilizar da estrutura poética e da poesia como forma de escreverem suas obras filosóficas? Podemos citar, como exemplos, Heidegger, Wittgenstein, Friedrich Nietzsche(1844-1900), Jean Paul Sar-

¹ Graduado em Filosofia, Especialista em História e Mestre em Educação Professor da Faculdade de Pará de Minas – FAPAM; phonteboa@gmail.com

tre(1905-1980) dentre outros filósofos contemporâneos que aproximaram, quer através de estudos, quer pela utilização aberta da poética, para fazerem filosofia.

No intuito de compreender essa trajetória da interface entre Filosofia e Poesia, nos propusemos elaborar este artigo. Nele, abordaremos o contexto da “*velhadivergência*” (Platão) entre a Filosofia e a Poesia, em que buscaremos elucidar e contextualizar o surgimento dos primeiros embates, que promoveram a ruptura entre a Poesia e Filosofia. Em seguida, veremos o posicionamento de Aristóteles (384 – 322 a.C), através da releitura feita por Tomás de Aquino (1225 -1274) e a tentativa de se valorizar a linguagem poética dentro da produção filosófica. Passaremos também pela divergência entre Schlegel(1767-1845) e Hegel(1770-1831). Para terminar, buscaremos tecer um paralelo entre o filósofo-poeta Nietzsche (1844-1900) e o poeta-filósofo brasileiro Manoel de Barros(1916-2014).

Neste artigo, não temos a pretensão de fazer uma análise filosófica da poesia, nem um estudo linguístico do discurso filosófico. Trata-se apenas de um olhar sobre os distanciamentos e as proximidades existentes entre a Filosofia e Poesia. Neste sentido, o alcance deste texto está localizado no despertar da curiosidade, tanto para o estudo da Filosofia, como da literatura, mais especificamente da poesia, como modos de ver, ler e dizer sobre o mundo. Ao terminar esta apresentação queremos dizer e dar um novo sentido, se possível, à epígrafe de Guimarães Rosa(1908-1967) onde “...amor é sede depois de se ter bem bebido”.

2 A “VELHADIVERGÊNCIA”

Em uma conferência ocorrida no ano de 1934, o filósofo e hermeneuta Hans-George Gadamer(1902-2002) afirma que a crítica aos poetas não era nenhuma novidade na época de Platão, e que o próprio Platão refere-se a ela como “*velha divergência*”. Esta “*velhadivergência*” atribuída à filosofia e a poesia se sustenta no fato de que os poetas miméticos (líricos e trágicos) destacavam as fragilidades e as maldades dos deuses. Sendo assim, as palavras dos poetas, em sua forma poética, construíam uma visão negativa desses “deuses”, de modo a configurar, neles, a origem do mal. Esta situação colocava em cheque a própria divindade, uma vez que caracterizava e realçava os aspectos falíveis dos deuses, e se falíveis, sua divindade era, portanto, questionável. Antes mesmo de Sócrates(399 a.C.), Xenófanes(570 a.C. – 475 a.C.) já se posicionava contrário a este tipo de poesia. Não era contra a poesia em si, mas contra essa visão negativa sobre os deuses e os mitos por parte de alguns poetas gregos. Mas, a grande dificuldade estava em se combater esse tipo de poesia, visto que a poesia e a autoridade poética eram os meios mais eficazes de se promover a educação da juventude grega. Assim sendo, os filósofos acreditavam que se fazia necessário opor a essa vertente poética (VILLELA-PETIT, 2003, p. 60-62).

Segundo Sócrates (através de Platão), um deus não pode mentir, nem em palavra, nem em ação. Desta forma, não se tratava simplesmente de uma oposição entre Filosofia e Poesia, mas tratava-se de oposição a um determinado tipo de poesia, ou seja, aquela cuja temática era os aspectos negativos dos deuses, ou aquela que inferia aos deuses as mazelas humanas. (VILLELA-PETIT, p.63).

Por outro lado, no entanto, é preciso considerarmos, também, o papel que os poetas ocupavam na cultura grega, de modo particular, no processo educativo. Os poetas eram os principais educadores das gerações gregas. Por isto, senhores de grande prestígio, principalmente entre os jovens. Grande parte desses poetas era identificada como sofistas, pseudos pensadores, ou falsos filósofos. Segundo Sócrates

tes (ou de Platão) para que a verdadeira Filosofia, enquanto exercício da busca da verdade e do conhecimento, precisava livrar-se desses pseudos pensadores. Os sofistas, especialistas na oratória, no discurso e na arte de convencer, se utilizavam da poesia e da poética em seu processo educativo. Assim, o combate aos sofistas representava, também, o combate à poesia, não somente a um tipo de poesia, mas a toda ela. E os discípulos eram influenciados pelos próprios mestres (os poetas) a defenderem-se, poeticamente, dos ataques dos filósofos (VILLELA-PETIT, 2003, p.55).

É neste contexto que devemos compreender a oposição entre Filosofia e Poesia, na Grécia clássica. Não se trata de se opor à toda poesia, mas opor-se a uma determinada poesia, ou forma poética. No entanto, para a filosofia se solidificar como um discurso válido em busca da verdade, acabou-se por combater a linguagem poética, visto que esta linguagem era o principal meio utilizado pelos sofistas e pelos oradores gregos, na arte de convencer.

2.1 Aristóteles e Tomás de Aquino: uma aproximação

A posição das tradições filosóficas, ao longo da história da filosofia, a respeito da filosofia e da poesia, não são unânimes. Para MORAES(2015), há, pelo menos, *“duas posições nitidamente diferentes”*: a primeira, o filósofo *“teria por missão alcançar um conhecimento “duro” da realidade”* evitando-se, assim, qualquer traço de sentimentalismo ou de afirmações que não possam ser comprovadas empiricamente. Para esta posição, os Poetas – que naquele momento se confundiam com os sofistas - eram incapazes de produzir qualquer conhecimento que fosse válido, visto que apropriaram de uma linguagem, que tinha como objetivo o convencimento de suas proposições, utilizando-se para isto de figuras de linguagem e de imprecisões quanto ao real, e ao que podia ser considerado verdadeiro. Este distanciamento do verdadeiro, ou mesmo compromisso com o que é verdadeiro, era o ponto central do combate da Filosofia à Poesia. Mesmo depois de superada esta fase, e, diante de tais posições antitéticas entre Filosofia e Poesia, geradora da *“velha divergência”*, surge uma segunda posição, caracterizada por diversas tentativas de se encontrar um caminho que se pudesse utilizar dos recursos linguísticos dos poetas, isto é, da poesia, que, de alguma forma, contribuisse com a Filosofia, de modo particular, na elaboração de seu discurso. Era, enfim, o esforço de contribuições e de diálogo entre Filosofia e Poesia.

Neste percurso, devemos destacar, por exemplo, o posicionamento de Tomás de Aquino(1225-1274). Para ele, Poesia e Filosofia possuíam mais pontos em comum do que se pode imaginar, visto que partem de um mesmo esforço em apresentar a verdade, ou seja, de ver a realidade, utilizando para isto, somente e tão somente, caminhos diferentes (MORAES, 2015). Para Tomás de Aquino, enquanto a Filosofia buscava explicar a realidade de modo analítico, focado em suas causas primeiras, isto é, descrevendo o mundo que nos cerca, a poesia, por sua vez, considera outras dimensões, outros olhares e outras interpretações, menos rigorosas ao certo, mas sempre no esforço de compreender e expressar olhares desta mesma realidade. Assim sendo, a Filosofia e a Poesia, no fundo, *“tratariam dos mesmos assuntos e com a mesma capacidade de penetração e discernimento”* (MORAES, 2015). Em Tomás de Aquino *“a filosofia e a poesia têm as mesmas capacidades de conhecimento, de atingir a verdade”*, isto porque, enquanto a Filosofia analisa e descreve a verdade, a poesia pode, pela sensibilidade do poeta e pela linguagem poética, reve-

lar aspectos que passam despercebidos ao olhar objetivo do filósofo e do homem comum.

Assim, para Tomás de Aquino, recuperando o pensamento de Aristóteles, o “*filósofo é umcertophilomythes*”, isto é, *amante das fábulas*, e estas são, naturalmente, ofício dos poetas. As fábulas, ou mesmo a poesia abrem para os filósofos e para a humanidade “*um aspecto da existência humana ou da estrutura do mundo*” capaz de despertar a sensibilidade e motivar o trabalho de nossa inteligência (MORAES, 2015).

O ponto crucial entre a Filosofia e Poesia, portanto, está, segundo Aristóteles e Tomás de Aquino, na capacidade de se ver o mundo, conferindo-lhe sentido, isso porque, pela palavra, dizemos o que o mundo é como ele é, ou se preferir, descobrimos o próprio mundo. Nesta tarefa, tanto a Filosofia quanto a Poesia, compartilham do “Admirar” – princípio fundante do pensamento filosófico – do “espanto” humano diante dos mistérios do mundo e da própria vida.

Mas, pelo fato de a Poesia, em comparação com o pensamento Filosófico, estar de modo bem diverso e privilegiado a serviço da linguagem, faz-se necessário colocar em evidência a questão do Pensar e do Poetar. Por usar uma linguagem muito específica e diferente da linguagem filosófica, ainda muito imprecisa e metafórica, os poetas, no exercício de poetar, encontram muitas dificuldades sem expressar com clareza aquilo que quer dizer do mundo, isto é, a realização precisa entre pensar e poetar (MORAES, 2015, p.21). Esta situação, onde o Poeta se perde no excesso de lirismo linguístico, o afasta da realidade que quer descrever, perdendo-se no lirismo romântico e, ao mesmo tempo, distanciando-se da realidade que ele quer descrever. Este distanciamento dificulta a aproximação entre Poesia e Filosofia.

Por outro lado, se o poetar pode afastar o poeta da realidade e fazer com que este, perca sua capacidade de ver e ler a realidade, o mesmo erro pode ocorrer com o filósofo ao Filosofar, que por sua vez, pode ficar tão absorto na objetividade, que se quer dizer, que não se consegue compreender ou dizer claramente a realidade que se está a ver. Vê a realidade, mas sua racionalidade é tão “dura”, que sua linguagem não é apropriada para expressar esta realidade vista.

3 LINGUAGEM POÉTICA E LINGUAGEM FILOSÓFICA: DISTINÇÕES E APROXIMAÇÕES

Diante da tentativa de aproximação ou da percepção das diferenças entre o processo metodológico da Filosofia e da Poesia, a partir de Tomás de Aquino, faz-se necessário uma mudança de postura quanto ao ofício do Filósofo e do Poeta. É importante considerar que a partir das observações de Tomás de Aquino, se deve conceber a filosofia e a poesia como *ponte* para a teorização. Este posicionamento torna-se eficaz, porque contribui no processo de se preservar as origens do pensar filosófico enquanto potencialidade da pergunta, e, ainda garante o ofício de reeducação do olhar, capaz de, pela palavra proferida, compreender a linguagem e o pensamento, incluindo para o pensar filosófico; além disso, sendo *ponte*, o olhar poético contribui para o próprio processo de criação poética, e ainda possibilita, no exercício poético, o desenvolvimento de uma temática filosófica.

Nesta perspectiva, tanto o filósofo como o poeta ficam expostos à possibilidade de repensar seus lugares que lhes são próprios, mas também que lhes são comuns, de modo que garantam a construção do sentido para os aspectos da mesma realidade, diante de seu olhar e do olhar do outro (MORAES, 2015; GRISOLI, 2010).

Então, quando o poeta e o filósofo buscam, cada um a seu modo, esta nova possibilidade de reinterpretação do mundo e da realidade, rompendo com os prag-

matismos, abrem-sea um caminho inexorável para o reencontro entre a Filosofia e a Poesia, em que além de preservarem suas características discursivas, que lhes são próprias, ainda garantem à humanidade, novas possibilidades de olharem para o mundo e de se encantar com ele.

Para LAUND (1981) tanto o Filósofo quanto o Poeta não se afastam de modo algum da realidade quotidiana. Os distanciamentos em relação a realidade, tanto na Filosofia, como na Poesia, ocorrem somente, e tão somente, no campo das *“interpretações e valorizações quotidianas do mundo e do trabalho”*. Nesse sentido, tanto o poeta, quanto o filósofo, estão em busca do que transcende a realidade. Mas, ao mesmo tempo, Filosofia e Poesia se diferenciam, e essas diferenças são as que as fazem, enquanto tais, possibilidades de leituras do mundo. A Filosofia *“apreende a realidade em conceitos que não falam à imaginação”*, e por isso, ela tem como característica principal a objetividade, o discurso racional, disciplinado pelo método e pela investigação científica, enquanto que a Poesia que se caracteriza pela subjetividade, como por exemplo o som, o ritmo, a rima e o fluxo da linguagem, atinge, tanto o poeta, quanto o leitor que se encanta com a forma como essa realidade é apresentada.

Assim, há um mesmo processo da Filosofia e da Poesia, em relação à realidade que é apresentada. A forma, como cada uma destas atividades humanas, olha e apreende a realidade do mundo é que são distintas. A interpretação da realidade fez com que cada uma dessas áreas caminhassem de forma independente e aparentemente isoladas uma da outra, ocorrendo, no percurso do tempo, aproximações e afastamentos. Essa situação criou tendências de desvalorização do discurso de um pelo outro, provocando incompreensões e debates.

O poeta alemão August Wilhelm Shlegel (1767-1845) ao buscar estabelecer uma compreensão sobre a linguagem simbólica, isto é, a linguagem poética, afirma que somente ela é capaz de expressar o absoluto, e, conseqüentemente, unificar a realidade finita e a realidade infinita do absoluto. Assim, a linguagem simbólica ou poética rompe com a *“aparente finitude”* do ser, frente ao absoluto e possibilita que, aquilo que não pode ser conhecido em sua plenitude, seja, pelo menos conhecido em parte (GONÇALVES, 2010, p.3).

Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), no entanto, afirma que a Filosofia é superior à Religião e à Arte (e nela à poesia) visto que a Filosofia é a única capaz de libertar-se das formas de intuição e da representação, através do conceito, enquanto a Religião e Arte utilizam-se e dependem da representação simbólica, para expressarem as leituras, que fazem do absoluto. Além disso, a Filosofia, ao adotar a linguagem do conceito, não necessita da linguagem poética, embora reconheça que o modo de expressão da Arte (e nela a poesia) é, em alguns aspectos, mais vantajosa por ser mais uma expressão direta do absoluto na intuição (GONÇALVES, 2010, p.3). Assim, para Hegel, a linguagem poética deve ser entendida como expressão da espiritualidade, que é produto da realidade do absoluto no espírito humano (GONÇALVES, 2010, p.4).

Embora Hegel se oponha a Shlegel, quanto à exclusividade da linguagem simbólica em expressar o absoluto, devemos considerar que em Hegel não ocorre a exclusão da Religião, da Arte como capacidade de expressar o absoluto, sendo que a Filosofia, pelo uso da linguagem do conceito seja a mais independente neste processo. Desta forma, Hegel sinaliza para a possibilidade de interação entre estas três formas de interpretar, uma pelas outras, e dizer sobre o absoluto (GONÇALVES, 2010, p.12).

As análises de Hegel e Shlegel contribuiu de forma significativa para aproximar a Filosofia e Poesia. A partir deste posicionamento, tanto a Filosofia quanto a Poesia, têm, diante de si, um novo desafio. Cabe ao Filósofo e ao Poeta a ruptura com o estruturalismo conceitual, com o pragmatismo cartesiano e metafísico e com todo o cientificismo que, por anos, separou Filosofia e Poesia. Este desafio encontrou em Arthur Schopenhauer (1788-1860) seu primeiro combatente. Isto porque, de certa forma, Schopenhauer busca aproximar as temáticas da música e da tragédia, na Filosofia. Para Schopenhauer o artista, e também o filósofo, são homens geniais, que demoram *“na consideração da vida mesma, e em cada coisa com que depara esforça-se por apreender sua ideia, não suas relações com outras coisas”* (SCHOPENHAUER, 2003, p. 67). Embora haja diferenças na forma de consideração por ambos (o poeta e o filósofo), o que é considerado não difere, uma vez que eles, sendo homens, percebem as mesmas coisas, pelos seus sentidos e pela razão. Mas alerta também, que, tanto o filósofo quanto o poeta, distinguem-se do homem comum, pelo conhecimento intuitivo. É aqui que está a genialidade do Poeta e do Filósofo que, enquanto homens, possuem conhecimentos intuitivos puros, destituídos de vontade e das relações entre suas representações.

Cabe aqui ressaltar, no entanto, que para Schopenhauer, a imagem artística pode mais facilmente expor a ideia pura, o que ele denomina de objetivação da vontade, porque a expressa isolando o objeto de sua efetividade mundana, para extrair a essência. Esses homens geniais, apresentado por Schopenhauer, de certa forma, se realiza em Friedrich Nietzsche (1844-1900), o filósofo-poeta.

Em Nietzsche, a linguagem, se por um lado, visa a conservação, uma vez que trabalha apenas com as semelhanças, por outro, escolhe, ressalta, rejeita e atribui valor, eleva para o alto, permitindo uma transposição. A linguagem em Nietzsche adquire a capacidade de desdobramentos, de modo que permite destruir antigas tramas e, ao mesmo tempo, tecer novas. Desta forma, *“ao contrário de dizer o que as coisas são, o que a linguagem pode fazer é se compor como um contorno ficcional e provisório, que busca, não deter, mas manifestar a atividade interpretativa infinita que é a vida”* (MOSE, 2004, p.230). Para ser filósofo ou poeta, é preciso além de apreciar o sabor de escrever, ser possuidor de um vasto vocabulário. Mas também, faz-se necessário descobrir o que está por trás de um simples dizer. Em Nietzsche, as palavras são escolhidas de forma criteriosa, a fim de que, se dê a elas a verdadeira significação. As palavras ganham vida própria, com a entonação perfeita, com sua perfeição gramatical e fonética (MOSE, 2004, p.230).

Fazendo um contraponto entre filósofo-poeta, aqui representado por Nietzsche, apresentamos um poeta-filósofo, que partindo de sua realidade, tão bem soube utilizar-se da palavra para criar um novo sentido desta mesma realidade. Nosso esforço aqui, não é de interpretar a obra deste poeta, mas, apenas perceber como ele, ao poetar, faz filosofia, sem abrir mão da linguagem poética. Como um alquimista, o poeta-filósofo, Manoel de Barros (1916-2014) foi capaz de transformar, transmutar o sentido do cotidiano e, ao mesmo tempo, o sentido das próprias palavras. Agindo assim, este poeta-filósofo faz e refaz experiências, dá novos tons e sons, aloca e realoca, muda de lugar, desloca, hifeniza, confere, nomeia, encontra elementos e ingredientes novos, trama, ilude. E assim, através da palavra, apresenta novos olhares e novas perspectivas sobre o cotidiano, e provoca desequilíbrio ao leitor, tirando-lhe do seu lugar comum, da zona de conforto.

Dono de uma poética notável, a produção do grande poeta brasileiro Manoel de Barros — o mesmo poderíamos dizer do célebre Machado de Assis, ou mesmo de João Guimarães Rosa —, em que *“a percepção das miudezas torna-se uma forma*

integradora de pensar o quanto se entificou e banalizou a sensibilidade humanista nos tempos da técnica e da cientificidade objetiva.”(GRISOLI, 2010)

Manoel de Barros, ao produzir seus textos poéticos em um processo de contemplação, mas que também é de transpiração que lhe obriga ver e considerar os detalhes da natureza, promove um movimento em que a poesia vivencia cada mínimo detalhe, na busca expressiva de uma desertificação do próprio eu. Este esforço poético de Manoel de Barros, que pode ser lido prazerosamente no poema abaixo, é expressão deste novo refletir poético do “admirar” o mundo, princípio do fazer filosófico, e, ao mesmo tempo, mostra a busca de compreensão do próprio eu.

*Percorro todas as tardes um quarteirão de paredes nuas.
Nuas e sujas de idade e ventos.
Vejo muitos rascunhos de pernas de grilos pregados nas pedras.
As pedras, entretanto, são mais favoráveis a pernas de moscas do que de grilos.
Pequenos caracóis deixaram suas casas pregadas nestas pedras
e as suas lesmas saíram por aí à procura de outras paredes.
Asas misgalhadinhas de borboletas tingem de azul estas pedras.
Uma espécie de gosto por tais miudezas me paralisa.
Caminho todas as tardes por estes quarteirões desertos, é certo.
Mas nunca tenho certeza se estou percorrendo o quarteirão deserto
Ou algum deserto em mim. (BARROS, 2005:31)*

Nesta odisseia poética, Manoel de Barros estabelece uma nova didática do olhar, e, vai revelando os detalhes insignificantes que o homem contemporâneo não consegue mais ver. Assim, o poeta revela a contramão do tempo acelerado da vida moderna e o caminhar dos caramujos – “*Há um comportamento de eternidade nos caramujos para subir os barrancos de um rio, eles percorrem um dia inteiro até chegar a manhã*”(BARROS, 2005, p. 319); ou a busca do silêncio, num mundo pleno de barulho – “*(...) Uso a palavra para compor meus silêncios. Não gosto das palavras fatigadas de informar*” (BARROS, 2003, p. 39); ou ainda, a busca de valorização do que é insignificante, do descartável – “*... as coisas que não tem dimensões são muito importantes. (...) É no ínfimo que eu vejo exuberância*” (BARROS, 2005, p.55).

Os exemplos, aqui apresentados, de Manoel de Barros, são suficientes para percebermos como o poeta, utilizando-se da linguagem própria da poesia, traz um novo “admirar”, provocando um certo desconforto com a realidade que o cerca, e ainda possibilita-nos um novo olhar para aquilo que há muito já foi visto, mas que, por inúmeros contratempos, perdeu seu sentido. O Poeta (Manoel de Barros), mesmo sem ser filósofo, age como filósofo no “estranhamento” do mundo, propõe novos olhares e provoca novos posicionamentos diante do que é comum ou cotidiano. Sua poesia é belíssima, mas cada verso é denso, intenso e pleno de filosofia, que só filósofos e poetas (como uma criança) podem compreender. Assim, temos o filósofo-poeta (Nietzsche) e o poeta-filósofo (Manoel de Barros) no esforço de compreenderem o mundo e a sua realidade, usando tão somente a linguagem, e em última instância, a palavra, no exercício de expressar o que veem, quer pelos sentidos, quer pelos sentimentos.

4 CONCLUSÃO

A odisseia humana continua, mas a pergunta inicial ainda ressoa e vem sendo reformulada: Que mecanismos utilizamos para comunicar nossos conhecimentos, ou o que conhecemos? Que recursos possuímos para dizer o que é verdadeiro e o

que é falso? Respostas são elaborada, porém só nos satisfazem de forma parcial, momentânea, mas nunca plenamente. Poetas e Filósofos olham, analisam e buscam compreender a realidade. Esse é o processo de “admiração” do Poeta e do Filósofo, cada um a seu modo, com sua linguagem. Aproximação, distanciamentos, olhares, perspectivas, multiplicidades... elementos que a técnica e tecnologia, na sua pressa de domínio do mundo, não tem tempo de ver e de sentir.

Isto é suficiente para um diálogo entre Filosofia e Poesia, entre Filosofia e Arte... e o melhor de tudo isto é o próprio diálogo. Em outras palavras, o poeta como *ponte* e não como ponto, o Filósofo como *ponte* e não como ponto. Todos no mesmo mundo, vendo a mesma realidade em pontos diferentes, ou faces diferentes de uma realidade única, como se vê o rosto da pessoa amada, ou como o amor... “*é sede depois de se ter bebido*” (Guimarães Rosa).

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas**. São Paulo: Planeta, 2003.

BARROS, Manoel de. **Tratado Geral das Grandezas do Ínfimo**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

DIAS, ROSA MARIA - MOSÉ, V. **Nietzsche e a Grande Política da Linguagem**. Ed. Civilização Brasileira, Rio, 2004

GONÇALVES, Márcia Cristina Ferreira. Sobre a possibilidade de unificação entre Filosofia e Poesia no sistema de Hegel. **GT Hegel no XV Encontro da ANPOF – 2012**. Disponível em: <http://hegelbrasil.org/gthegel/arquivos/Marcia_cristina_ferreira.pdf>. Acesso em 18/05/2015.

GRISOLI, Ângelo. Uma questão de Unidade: Filosofia e Sociedade nos caminhos do pensar poético. **Programa pós-graduação em Ciências da Literatura** – Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/garrafa12/angelogrisoli_umaquestao.html>. Acesso em: 18/05/2015.

LAUAND, Jean. O filósofo e o poeta. **Jornal da Tarde**, 15/08/1981. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/geral/naftalina/poet.htm>>. Acesso em 18/05/2015

MORAES, Renato José de. O filósofo e o Poeta. **Rev. Dicta&Contradicta**, Instituto de Formação e Educação Disponível em: <<http://www.dicta.com.br/o-poeta-e-o-filosofo-i/>>. Acesso em: 18/05/2015.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Metafísica do Belo**. Trad. Apres. Notas Jair Barboza. São Paulo: Unesp, 2003.

VILLELA-PETIT, Maria da Penha. Platão e a Poesia na República. **Revista Kriterion**, Belo Horizonte, nº107, Jun/2003, p.51-71